

A FÉ NA RESSURREIÇÃO DA CARNE EM TERTULIANO

*Vital Corbellini**

Resumo

O artigo mostra a verdade de fé cristã que é a ressurreição da carne, em um dos autores mais importantes do final do II e início do III século, na Igreja Antiga: Tertuliano. Ele teve que defendê-la diante de todos aqueles que a negavam. Se, de um lado, trata-se de um mistério, no entanto a ressurreição faz parte da economia divina onde o corpo mortal um dia terá junto com alma uma vida imortal pelo Senhor Jesus Cristo.

PALAVRAS-CHAVES: fé na ressurreição da carne; economia divina; graça; poder de Deus; união do corpo com a alma.

Abstract

The article shows the truth of Christian faith, namely the resurrection of the meat, in one of the most important authors of the end of the II and beginning of III centuries in the Old Church: Tertulian. It defends it against all those that denied it. If it is a mystery, however the resurrection is a part of the divine economy where the mortal body and the soul will have an immortal life with Jesus Christ.

KEY WORDS: *faith in the resurrection of the meat; divine economy; graces; power of God; union of the body with the soul.*

Introdução

A fé na ressurreição da carne é um dado essencial no cristianismo, pois trata da recriação das coisas pelo Espírito de Deus. É uma verdade na vida de fé de todo seguidor de Cristo. Ela aponta o

* Doutor em Teologia. Professor da Faculdade de Teologia da PUCRS.

presente e futuro da vida humana pela intensidade do amor dado a Deus e ao próximo, de modo que nem todas as coisas acabam com a morte, crença contrária aos pagãos e de alguns grupos religiosos, no início do cristianismo. Na realidade, esta fé constituiu a pedra fundamental do ser cristão antigo, porque o pensamento grego, fundamentado no espiritualismo, pouco levava em consideração o corpóreo como um bem para o homem¹. A adesão à fé em Cristo, para o fiel, estava profundamente ligada à ressurreição da carne, porque Ele ressuscitou dos mortos sendo o Primogênito, como afirma o apóstolo Paulo.²

A fé na ressurreição da carne foi também um dos dados da doutrina cristã que ganhou notoriedade e desenvolvimento, no terceiro século. Diversos autores cristãos, mesmo antes de Tertuliano, tiveram que defendê-la diante das heresias gnósticas, porque a negavam ou não a levavam em consideração, ressaltando veementemente só a ressurreição da alma.³ Estes diziam, sobretudo os valentinianos, os marcionitas, Apeles e os seguidores de Basílides, que o corpo estaria destinado à corrupção, à morte e à sua eliminação em o nada, não havendo a ressurreição do mesmo.

A análise a seguir toma alguns capítulos de uma importante obra de Tertuliano,⁴ onde ele argumenta a respeito da realidade da ressurreição, tendo, não só como ponto de vista a tradição, mas sobretudo a Escritura, a pessoa e a doutrina de Cristo.

1 O que é a ressurreição da carne

Tertuliano inicia a sua obra com uma afirmação norteadora de todo o seu tratado: “A ressurreição dos mortos é a fé dos cristãos; é crendo

¹ Cf. CROUZEL, H.-GROSSI, V. “Ressurreição dos mortos”, in: *DPAC*, Petrópolis: Vozes e Paulus, 2002, p.1216.

² Cf. *Cl* 1,18.

³ No segundo século, Atenágoras escrevera uma obra “Sobre a ressurreição dos mortos”. O autor tem presente a possibilidade da ressurreição, a conveniência e a necessidade da mesma. Diante dos pagãos que a negavam, ele teve que aprofundar esse tema, colocando a ressurreição no desejo próprio de Deus para o ser humano. Cf. ATENÁGORAS DE ATENAS, “Sobre a ressurreição dos mortos”, in: *Padres Apologistas*. São Paulo: Paulus, 1995.

⁴ *De Resurrectione carnis*, A ressurreição da carne. Segundo Siniscalco, a obra foi escrita em 211. Cf. P. SINISCALCO, *Ricerche sul “De Resurrectione” di Tertulliano*. Roma: Studium, 1966, p. 40. Ela comporta 63 capítulos, onde há uma introdução, a demonstração com argumentos sobre a dignidade da carne, a onipotência de Deus, o motivo racional da ressurreição com argumentos escriturísticos e conclusão.

nela que somos tais, e a verdade nos impõe crer na verdade revelada por Deus”.⁵ O cristão manifesta a sua fé na ressurreição; sabe que sem ela não tem sentido a vida presente com as suas lutas, desafios e realizações, de modo que a carne ressurgirá algum dia, recobrando as suas forças numa dimensão espiritual. A fé na ressurreição é o fato que diferencia o cristão do povo pagão, porque este retinha que nada sobrevive após a morte, como também de alguns filósofos que afirmavam nada haver após esta vida, na qual a própria morte seria o seu fim,⁶ ou mesmo daqueles que possuíam a convicção de que a alma voltaria aos corpos humanos ou ela poderia se encarnar no corpo de animais irracionais ou vegetais. Para Tertuliano, a idéia presente de alguns grupos de que a alma volta a viver em um corpo é mais suportável que a sua negação total, porque esses bateram na porta da verdade, ainda que não a encontraram na sua plenitude. Dessa forma, o mundo não ignora a ressurreição dos mortos.⁷

O autor africano diz que se trata de um grande mistério: a ressurreição. É difícil acreditar nela, porque refere-se a uma realidade histórica e transhistórica, porque ela está ligada ao próprio mistério de Deus em relação ao homem que deseja a sua salvação. Esta possibilita uma realização plena ao ser humano pelo bem realizado junto com os outros. Por isso nem todos acreditam nela, porque não querem admitir uma outra vida, no caso à eterna, além daquela biológica. É claro que a ressurreição, segundo Tertuliano, não é um dado novo só da tradição, mas ela foi afirmada sobretudo pelo Senhor Jesus diante dos saduceus que a negavam, ressaltando que Deus não é Deus dos mortos mas dos vivos⁸ e quer que todos vivam um dia no Reino da vida. Como esse grupo não acreditava na ressurreição, ele se assemelhava ao povo pagão que não colocava esperança na vida após a morte. Mas qual é o fundamento da ressurreição? Esta possui o seu ponto de apoio no próprio Criador que a criou, a modelou e teve um corpo de carne no seu Filho, Jesus Cristo, na qual nele se reconheceu o verdadeiro Deus que veio a este mundo para dar-lhe a redenção.⁹

⁵ TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, I, 1, traduzione, introduzione e note a cura di C. MICAELLI. Roma: Città Nuova Editrice, 1990.

⁶ Um destes era Sêneca: *De anima*, 42,2; idem, p. 43.

⁷ Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, I, 6.

⁸ Cf. *Lc* 20,38.

⁹ Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, II, 6-7.

Tertuliano teve razões para defender a carne, entendida como o ser humano, diante dos gnósticos que afirmavam a impossibilidade da ressurreição do corpo, porque este estaria destinado à corrupção, à inconsistência, ao vazio, ao nada de qualquer existência.¹⁰ Era necessário destacar a ressurreição na vida da Igreja e na comunidade de fé, porque, sendo uma realidade presente e futura, é compreendida no plano de Deus para a salvação do ser humano e a plenitude do mesmo.

2 Ressurreição e economia divina

A afirmação da ressurreição está em conformidade com a economia salvífica de Deus, o plano delineado por Ele a respeito da sua criatura predileta: o homem. Quando este pecou, Deus pensou no seu Filho que deveria tornar-se carne para resgatá-lo dos pecados. Ele se fez um de nós, menos no pecado,¹¹ morreu e ressuscitou dos mortos, garantindo-nos a vida em plenitude. Assim um dia em Cristo nós ressurgiremos na glória celeste.

Segundo o autor africano, se, no mundo da filosofia, Platão diz que a alma é imortal,¹², o qual testemunha algo que não morre em referência ao Deus dos deuses,¹³ muito mais o cristão, que segue a Cristo, por ser revestido dele,¹⁴ acredita na ressurreição. De fato, não é cristão quem a nega, porque os fiéis, que vêem em Cristo o seu Salvador, a confirmam e têm os olhos voltados para Ele, trabalhando pela edificação de sua doutrina e palavra de salvação, na comunidade e no mundo.

Tertuliano faz uma leitura bíblica do ser humano no plano divino como uma criatura importante, e no momento em que houve a caída, houve também a objetivação da economia divina, o plano salvífico assumido pelo Filho, Jesus Cristo. Assim, percebe-se que a carne possui uma dignidade tal, porque projetada por Deus pelo fato de que foi Ele quem a quis e que viesse à luz neste mundo. Se não fosse assim, certamente Ele não a teria criado, para que ela não tivesse um bom fim. Ela pertence ao seu Criador e, enquanto criada, é propriedade dele,

¹⁰ Cf. *idem*, IV,3.

¹¹ Cf. *Hb* 4,15.

¹² Cf. PLATÃO, *Fedro*, 245C, a cura di E. V. MALTESE. Milano: Grandi Tascabili Economici, Newton, 1997.

¹³ Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, III,2.

¹⁴ Cf. *Gl* 3,27.

porque isso não se opõe à sua dignidade e existência.¹⁵ Tudo foi feito pela Palavra de Deus, o Verbo eterno do Pai, e nada foi feito sem Ele;¹⁶ nesse sentido, a carne tomou forma, segundo o critério estabelecido pela Palavra eterna, para que assim tudo fosse correspondido ao seu plano de amor. Por isso, segundo Tertuliano, Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”.¹⁷ E também encontra-se uma outra passagem a respeito da criação humana: “E Deus plasmou o homem”.¹⁸ Aqui encontra-se uma grande diferenciação do ser humano, não podendo ser comparável ao resto do universo, porque, enquanto este veio ao mundo pelo comando de Deus, diversamente o homem foi plasmado, formado da terra por Deus para exercer no universo o seu domínio, em virtude do supremo modelador. Sendo barro, o ser humano, Deus soprou nele, dando-lhe vida e força. Dessa forma, tudo aquilo que Deus fez não foi dado só à alma, mas também à carne.¹⁹ Nas mãos de Deus encontrava-se o barro, não havendo algo de estranho à sua dignidade e à visão do próprio Criador, porque o ser humano recebeu dele a sua formação e consistência. Ele (o Criador), ao modelar o homem, tinha toda uma dedicação através de seu trabalho, sabedoria, providência, com um amor intenso que foi dado somente a ele. Para Tertuliano, a forma que estava sendo imprimida no barro por Deus tinha presente o Cristo que deveria fazer-se homem, isto é, lodo, e o Verbo teria sido feito carne e também seria terra.²⁰ A afirmação da criação, ligada com a cristologia, é um dos temas fundamentais da doutrina de Tertuliano a respeito da encarnação do Verbo, na qual ele não fez qualquer ligação com o pecado; o Verbo se encarnaria, mesmo se não houvesse o pecado humano.²¹

¹⁵ Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, IV, 3-4.

¹⁶ Cf. *Jo* 1,3.

¹⁷ *Gn* 1,26-27.

¹⁸ *Gn* 2,7.

¹⁹ Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, V, 9.

²⁰ Cf. *idem*, VI, 3.

²¹ Tertuliano, diferentemente de outros Padres da Igreja, não ligava a encarnação com o pecado. Marchesi procurou nos Padres as motivações da encarnação do Verbo. Ele viu na maioria deles uma ligação da encarnação com a redenção, isto é, a necessidade da vinda do Verbo por causa do pecado, e a encarnação mesma ligada à cruz. Ele analisou também as duas grandes Escolas teológicas da Idade medieval, a scotista e a tomista, sobre a questão *Cur Deus Homo*. Segundo os scotistas, seguidos por Santo Alberto Magno, Duns Scoto, pelos franciscanos e Suárez, Deus teria decidido a encarnação, independentemente da caída do pecado original, prescindindo da missão redentora do Senhor. A outra hipótese afirmava que, sem a

A criação humana ganha importância pela sua relação com o Criador, tendo como base a Escritura que diz a seu respeito: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”.²² O autor africano interpreta esta passagem de uma forma trinitária, cristológica: o homem é criado na presença de Deus trinitário e à imagem do Filho. Aquele barro era revestido da futura imagem do Cristo encarnado, de modo que esta não era só obra de Deus, mas também um seu penhor.²³ Por isto o Verbo, que é Deus, encontrando-se no seu ser divino, não julgou algo inconveniente unir-se à natureza humana,²⁴ de modo a formar uma unidade para elevá-la à participação das realidades divinas. Dessa forma, a carne possui no seu ser mais profundo a possibilidade da ressurreição, porque ela foi criada, não por outro ser, mas por Deus, Criador do gênero humano que não lhe dará como fim o nada. O fato é que a sua escolha na formação da carne, foi digna pelo material assumido e pelo trabalho nela realizado.²⁵

Tertuliano tinha presente outra visão contra os gnósticos docetistas e valentinianos em relação às túnicas de pele,²⁶ pelo fato de que estes retinham ser o ser humano formado com estas coisas colocadas nele após a expulsão do paraíso, e estes afirmavam ser a carne constituída do lodo; para o nosso autor, isto é pura fantasia, porque o próprio homem reconheceu a sua substância propagada na carne da mulher, quando Deus a criou; este (o ser humano) disse a ela: “Esta é osso dos

caída do homem, o Verbo de Deus não se teria encarnado. São Tomás reforçou essa posição pelo fato de que lhe parecia a mais conveniente (*convenientius*). A encarnação então é percebida como remédio do pecado: TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, III parte, v. VIII, q. I, a. 5. Cf. G. MARCHESI, “Perché Dio si è fatto uomo? Il significato salvifico della nascita di Cristo nei Padri della Chiesa”, *La Civiltà Cattolica* IV (1987) p. 529-542. As mesmas considerações sobre o motivo da encarnação foram analisadas por BORDONI, M. “Encarnación”, in: *Nuevo Diccionario di Teología* I, 381-382 e CHOPIN, C. *Le Verbe incarné et rédempteur*, Tournai 1963, p. 41-43. Moltmann fez uma análise das duas concepções, manifestando-se a favor da primeira visão, porque, se a encarnação é ligada ao pecado, essa seria somente uma medida de emergência adotada por Deus para encher o vazio deixado pelo mesmo pecado; porém se a encarnação estava presente desde a eternidade, essa vem escrita no amor de Deus, que é eterno e comunicativo para com os seres humanos. Cf. MOLTSMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 125.

²² Gn 1,26-27.

²³ Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, VI, 5.

²⁴ Cf. *Fl* 2,7.

²⁵ Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, VI, 5.

²⁶ Cf. Gn 3,21.

meus ossos e carne da minha carne”.²⁷ Se as túnicas de pele foram conseqüência do pecado, o lodo foi assumido pela carne, por ocasião do sopro de Deus, tornando-se desta forma um ser vivente.²⁸

Tertuliano diz também que o lodo recebeu glória da mão de Deus, e a carne uma glória maior pelo sopro divino,²⁹ no qual eliminou as imperfeições do lodo, enriquecendo-o com a alma. Uma união foi firmada de modo que é impossível separar a alma do corpo, porque este leva consigo a alma. Ora, se a alma está mais próxima de Deus, esta se revestirá com a carne, porque uma união foi estabelecida entre os dois elementos. Através da carne, se cultivam as artes, os estudos, os encargos; a vida de uma pessoa é dada à carne e não há vida, quando ocorre a separação da carne e da alma, de modo que a morte e a vida pertencem à carne.³⁰

Se todas as coisas são subordinadas à alma, mediante a carne, torna-se impossível ter outro instrumento, no qual haja movimento de vida, senão a própria carne. Sendo esta serva da alma, nas coisas temporais, nas coisas eternas deverá sê-lo também, formando uma união indestrutível com a alma.³¹ No fundo, Tertuliano queria dizer que a carne terá a ressurreição, porque ela mantém união com a alma, e se tudo foi feito com a carne, torna-se impossível uma separação ou dar-se uma condenação eterna a ela. A sua visão de ser humano, criado à imagem de Deus pelo seu Filho, é de unidade, tanto em vida como após a morte; esta visão ia contra a dos gnósticos que eram dualistas, porque eles não admitiam uma unidade entre o divino e o humano e, conseqüentemente, a ressurreição da carne. Como a natureza humana tem uma ligação com o corpo, esta maneira de concepção das coisas não se perde com o cristianismo; nenhuma alma alcança a salvação, se não esteve unida à carne, a tal ponto que a carne é o fundamento da salvação.³²

Tertuliano concebia a unidade da alma e da carne em profunda ligação com os sacramentos da iniciação cristã, dada aos catecúmenos,

²⁷ Gn 2,23.

²⁸ Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, VII, 3.

²⁹ Ireneu de Lião também fala da glória de Deus por causa da criação humana: “Deus é a glória do homem e o homem é o receptáculo da obra, sabedoria e do poder de Deus”: IRENEU DE LIÃO, III, 20,2, *I,II,III,IV,V Livros*. São Paulo: Paulus, 1995.

³⁰ Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, VII, 12.

³¹ Cf. *ibidem*, VII, 13.

³² Cf. *ibidem*, VIII, 2.

por ocasião da vigília pascal.³³ Ele dizia: “A carne recebe o banho para que sejam tiradas as manchas da alma; a carne recebe a unção para que a alma seja consagrada; a carne recebe a imposição das mãos, para que a alma seja iluminada pelo Espírito; a carne nutre-se do corpo e do sangue de Cristo, para que também a alma se sacie de Deus”.³⁴ Os sacramentos estão ligados à alma como também ao corpo. Dessa forma, não há recompensa só para uma das duas substâncias, porque as duas agiram conjuntamente. Os próprios valores e as virtudes morais e cristãs rendem glória a Deus pelo bem cumprido na carne. Sendo criada por Deus com a sua mão, a preparou à imagem de seu Filho, para gozar, dominar toda a criação, de modo que a carne possui uma feliz convivência com alma, sendo a sua modelação a mão do Criador. Torna-se essencial, para o autor cristão africano, a idéia afirmativa da ressurreição da carne, de modo que “Deus não deixará cair na morte eterna a obra de suas mãos, o produto do seu pensamento, o receptáculo do seu sopro, a rainha da sua criação, a herdeira da sua generosidade, o sacerdote do seu culto, a irmã do seu Cristo”.³⁵

3 A ressurreição em união com o Filho

A ressurreição possui uma profunda ligação com o Filho de Deus, porque Ele é a ressurreição e a prometeu aos seus discípulos.³⁶ Dessa forma, a bondade divina fará com que a carne um dia tenha a ressurreição, a vida nova dada para ela para toda a eternidade. Ora, se tal condição é dom, o Filho, o Cristo encarnado, recomendou não só o amor a Deus, mas Ele também tinha presente, na sua mensagem, o próximo;³⁷ na realidade, Ele foi o primeiro a amar a carne e a colocar em prática as coisas que ordenava. Tinha-se presente que amá-la (a carne), era o próximo em diversos modos; deve-se amá-lo na debilidade, porém a força da graça é experimentada em tal situação,³⁸ procura-se amar as coisas privadas de força, mas não necessitam de

³³ Tertuliano foi um dos mentores do catecumenato antigo, insistindo no fato de que os três sacramentos não fossem dados de uma forma ligeira, apressada, mas que eles fossem dados após uma preparação intensa. Cf. G. CAVALLOTTO, *Iniziazione cristiana e catecumenato*. Bologna: EDB, 1996, p. 93.

³⁴ TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, VIII, 3.

³⁵ Idem, IX, 2.

³⁶ Cf. *Jo* 11,25.

³⁷ Cf. *Mc* 12,30-31.

³⁸ Cf. *2 Cor* 12,9.

médico senão aqueles que estão mal;³⁹ deve-se amar as coisas perdidas, mas o Senhor veio salvar o que estava perdido.⁴⁰ Se a carne possui uma concepção de fragilidade, ela torna-se fundamental pela atuação da alma e transforma-se pela presença da graça de Cristo nela. Diante dos heréticos, os quais tinham presentes passagens escriturísticas, ressaltando a carne como erva,⁴¹ algo que passa rápido e corruptível, Tertuliano afirma que a mesma diz também que toda a carne verá a salvação de Deus,⁴² e pela boca do profeta Joel há a promessa divina do derramamento do Espírito em toda a carne.⁴³ Nem mesmo o apóstolo Paulo desprezou a carne, também se ele coloca que os desejos da carne são contrários aos do Espírito, não acusando a substância propriamente dita, mas as ações más da carne.⁴⁴ Paulo tem presente que o nosso corpo é templo de Deus;⁴⁵ os nossos corpos são membros de Cristo no qual exorta à glorificação de Deus em nosso corpo.⁴⁶

4 A ressurreição aponta para a escatologia

Outro ponto destacado nos capítulos analisados da obra de Tertuliano é a ressurreição ligada à escatologia, os últimos acontecimentos da vida cristã. Ele diz que, se a carne não terá ressurreição, para que todo o envolvimento do fiel na fé e no amor? Para que tanto esforço na transformação das coisas e das relações para o melhor, se o fim não é feliz? Sem a ressurreição, a carne não teria sentido vir ao mundo para cair no nada. Mas com a ressurreição, as coisas mudam de sentido. No presente, todo o esforço para o bem e, portanto, os últimos acontecimentos glorificarão a carne, porque nela estará a presença de Deus, pela sua ressurreição. Se Deus criou as coisas do nada, isto significa que as coisas, que não eram antes, começaram a existir. Uma vez que criou a carne do nada, com a morte ela voltará também ao nada; Ele a chamará de novo do nada à vida plena. Para o autor africano, Aquele que faz as coisas terá a capacidade de fazer tudo de novo.⁴⁷ Nesse

³⁹ Cf. *Lc* 5,31.

⁴⁰ Cf. *Lc* 19,10.

⁴¹ Cf. *Is* 40,6.

⁴² Cf. *Is* 40,5.

⁴³ *Jl* 3,1.

⁴⁴ *Gl* 5,17; cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, X, 3.

⁴⁵ Cf. *1 Cor* 3,16-17.

⁴⁶ Cf. *1 Cor* 6,20.

⁴⁷ Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, XI, 9-10.

sentido, afirma-se o poder de Deus, capaz de renovar todas as coisas, mesmo aquelas mortas e desaparecidas. Assim o cristianismo afirma a ressurreição da carne como uma verdade de fé fundamentada na palavra de seu Criador em Jesus Cristo, o enviado do Pai pelo Espírito Santo.

A ressurreição, sendo percebida como dom, é necessária para a plenitude do ser humano, porque a própria natureza possui uma disposição das coisas que nascem e morrem para renascer tudo de novo.⁴⁸ Este aspecto é peculiar, mas testemunha em favor da ressurreição, porque nenhuma coisa morre senão para sobreviver.⁴⁹ No final da história, Deus fará ressuscitar também a carne no momento em que Ele dará de novo a vida a todas as coisas.⁵⁰ Tertuliano compreende a ressurreição, não como uma volta da alma ao corpo anterior ou a sua habitação em um determinado animal ou vegetal, mas como união do corpo com a alma, não mais sujeitos à morte para gozar da vida em plenitude, preparada por Deus Pai em Jesus Cristo. Deus é poderoso, de modo que Ele salvará as coisas dissolvidas. Uma motivação é dada à ressurreição da carne: Deus é bom e justo; é sumamente bom por natureza e justo pela causa humana. Ele pune o mal e dá recompensa ao bem realizado. Por isso a ressurreição é digna de Deus, pelo fato de Ele ser justo, sendo o seu juízo completo e perfeito. Assim, a “plenitude e a perfeição do juízo não poderão subsistir, se não estiver presente o homem na sua integridade”.⁵¹ Desse modo, haverá um juízo, não só para alma mas também para o corpo. Como o corpo viveu junto com a alma, e vice-versa, formando um todo, assim também será o juízo de Deus; Ele julgará a pessoa no seu todo, na qual houve a constituição da vida.⁵² O fato é que nesta vida, não foi só a alma que viveu ou foi ao encontro das pessoas, realizando coisas más ou boas; o corpo também foi junto. Por meio da carne, fez-se pela alma aquilo que é dado no coração.⁵³ Se a alma está passando por alegrias e tristezas, o rosto humano, o exterior o visibiliza, porque isto se constitui em espelho de

⁴⁸ Tertuliano tem presente a lenda da fênix proveniente do paganismo. Acreditava-se no retorno desta ave que vivia muitos séculos em um jardim no Oriente onde não haveria a morte; quando aproximava-se o tempo de sua morte, ela entrava no mundo mortal e preparava o seu ninho para ali morrer e ressurgir de novo a fim de tornar aquele jardim imortal. Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, XIII, 3.

⁴⁹ Cf. *ibidem*, XII, 6.

⁵⁰ Cf. *ibidem*, XII, 9.

⁵¹ Cf. *ibidem*, XIV, 10.

⁵² Cf. *ibidem*, XIV, 11.

⁵³ Cf. *ibidem*, XV, 3.

toda a intenção humana.⁵⁴ Assim Deus, sendo justo juiz dará a recompensa ou punição para a alma, mas terá presente também o corpo, pelas suas más ou boas ações praticadas neste mundo.

Uma compreensão de unidade das coisas é dada por Tertuliano, porque a carne, sendo companheira da alma, desde a concepção, quando Deus a formou, foi gerada junto com a alma e por isto a acompanha em qualquer ação.⁵⁵ Ela é chamada de homem exterior, graças a ela contém a alma que não a torna simplesmente um instrumento passivo, mas uma sua executora. Por isso mesmo, a carne será julgada como Paulo afirma por ela ser pecadora e pelo fato de que Cristo condenou o pecado na sua carne mortal.⁵⁶ Tem-se presente também a ordem do apóstolo de glorificar a Deus no corpo.⁵⁷ Se é evidente que a alma deve realizar tais coisas, buscando as coisas do alto, estas não ocorrerão sem o ponto de partida, a carne; assim a esta também será dada a recompensa na ressurreição.⁵⁸

Conclusão

Como conclusão, Tertuliano afirma a ressurreição da carne diante de todos aqueles que a negavam, tendo como base a tradição cristã, que reforçava a fé dos fiéis proclamada na liturgia, e também a Escritura por aquilo que ela dizia sobre esta verdade de fé. Porém, ele tinha presente a pessoa de Cristo, que, encarnando-se, deu um valor imenso à carne, ao ser humano, pelo fato de que o redimiou de seu pecado, e, ao ressuscitar dos mortos, garantiu-lhe a ressurreição da carne. Ontem como hoje, existem aqueles que negam a ressurreição, porque acham que tudo acaba com a morte. No entanto, a fé na ressurreição possui o seu fundamento em Cristo Jesus que venceu a morte e caminha hoje com todos aqueles e aquelas que fazem o bem e lutam por uma nova sociedade, que seja justa e fraterna. Cristo é a ressurreição da carne e com Ele teremos um caminho seguro rumo à eternidade, à ressurreição de nossa carne.

⁵⁴ Cf. *ibidem*, XV, 6.

⁵⁵ Cf. *ibidem*, XVI, 10.

⁵⁶ Cf. *Rm* 8,3.

⁵⁷ Cf. *1 Cor* 6,20.

⁵⁸ Cf. TERTULLIANO, *La resurrezione dei morti*, XVI, 13.



FACULDADE DE TEOLOGIA DA PUCRS

Informações???

